

MAMULENGO DE RAPENTE

UM BAIÃO DE TRÊS PARA UNIR GERAÇÕES E LINGUAGENS

FUZZUE

TEIA

MAMULENGO:
PATRIMÔNIO
RECONHECIDO

CASUÁ

OCUPAÇÃO CULTURAL
MERCADO SUL VIVE

BRINCANTES

A CALUNGUEIRA DONA DADI

DIVERSOS

SABIÁZÊRA DAS MATUSKELA

ASSOCIAÇÃO



A Associação Fuzue de Arte e Cultura foi fundada em 2007, formada por brincantes, arte-educadores, produtores e articuladores culturais. Com sede em sua cidade natal, Samambaia [DF], a Fuzue atua com cultura popular e manifestações de tradição oral como meios de promover o desenvolvimento artístico, sociocultural, ambiental e educacional de comunidades do Distrito Federal.

Entre em contato:

associacaofuzue@gmail.com

EDITORIAL

“Eita buriti, bacupari, pequi e jatobá
Que o patrão mandou nêgo trabalhar
Trabalha nêgo trabalha que a capital não pode esperar
Faz a massa, põe areia, bota água
Larga de enrolação nêgo, larga essa brincadeira
Que seu Juscelino tá pra chegar”

Reza a lenda não contada, nunca inventada, que essa é a voz cravada nas paredes de concreto do Palácio do Planalto. Palavras daquele brincante presepeiro que, entre uma e outra rara folga, abria a velha mala, erguia um pedaço de pano, lona ou papelão e trazia todo o encantamento das Terras de São Saruê¹ para os trabalhadores cansados pelo labor em concretizar o sonho de Dom Bosco: Brasília.

Fala, fala Mamulengo. Vai gracejando prá nos divertir. Fala, fala Mamulengo, o mundo inteiro necessita sorrir.

(Luiz Bandeira)

E como se tem notícia do povo encantado de São Saruê, que habita no universo da memória coletiva de tempos imemoriais, em vários outros terreiros do Brasil! Povo que passeia pela música do mestre Luiz Gonzaga, pelos versos dos poetas da literatura de cordel ou ainda nas veredas literárias do mestre Guimarães Rosa, que fala de *“um boneco de capim vestido com um paletó velho e um chapéu roto, e com os braços de pau abertos em cruz, no arrozal, não é mamolengo? Homem é”*.

É sim senhor! E ousamos dizer que o Mamulengo Fuzuê nasceu dessas memórias. Memórias ancestrais e latentes que vêm sendo revolvidas a cada brincadeira gerada, parida e nutrida nos terreiros do Brasil, seja no sertão das Gerais, entre os pequizeiros do cerrado, rodeado de mandacarus e algarobas do Nordeste, no universo das escolas ou ,ainda, entre os edifícios da cidade grande.

1- São Saruê foi imortalizada no cordel do paraibano Manoel Camilo dos Santos (“Viagem a São Saruê”). Segundo o mestre bonequeiro Solon, é a terra encantada onde habitam os bonecos.

O respeito à tradição é o pilar que sustenta as ações do grupo, que reverencia as mestras e mestres responsáveis pela manutenção viva do brinquedo e da brincadeira, atuando como guardiões desse tesouro, que é o Mamulengo, no Distrito Federal e Pernambuco; Cassimiro Coco, nos estados do Piauí, Ceará e Maranhão; João-Redondo, no Rio Grande do Norte; Babau, na Paraíba; Mané-Gostoso, na Bahia; além de outros nomes que certamente deve receber pelo Brasil.

São eles, os mestres, a fonte de inspiração e pesquisa para esse Fuzuê, que gestou durante vários anos o desejo de publicar uma revista que registre e faça circular o pensamento de muitos brincantes e pesquisadores que bebem na fonte sagrada da oralidade, respeitam e difundem os saberes adquiridos incansavelmente. Sonho realizado! Gestação concluída! Filha parida! Nasceu a Revista Fuzuê!

No teatro de Mamulengo
Nhem, nhem, nhem
Do povão se destrair
Nhem, nhem, nhem
É artista bom de quengo
Gente que faz mamulengo e também quem sabe rir

(Luiz Bandeira)

O Mamulengo Fuzuê, ao mesmo tempo em que reverencia os mestres, seus saberes e fazeres, propõe elementos de inovação em suas brincadeiras, como o Festival Mamulengo de RAPente. Realizadas duas edições (2011 e 2014), no Distrito Federal, o projeto colocou em cena artistas de outras vertentes, tão importantes para a cultura popular brasileira quanto o mamulengo.

É muito para falar, contar, ler, festejar... Então, afunfa! Agarre a Fuzuê que a brincadeira, agora, é viajar nas páginas dessa menina nova, que nasce para cumprir mais uma jornada do Teatro de Bonecos Popular do Nordeste.

Viva a Fuzuê!
Viva os nossos Mestres!
Viva o Povo!
Viva a nossa brincadeira!



EXPEDIENTE

A Revista Fuzuê é uma iniciativa da Associação Fuzuê de Arte e Cultura e de Suene Karim Produções. Nessa 1ª edição, integra o Projeto Mamulengo de RAPente 2014.

Acesse: www.mamulengofuzue.com.br

Ficha Técnica do Projeto

Direção geral
Suene Silva

Produção executiva
Thiago Francisco

Assistentes de produção
Gleyson Portácio, Mirella Dias e Guilherme Soares

Concepção e execução de cenografia
Bruna Lenehr, Gleyson Portácio e Suene Silva

Coordenador de logística de segurança
Sanjai Silva

Assessoria de comunicação
Keyane Dias e Davi Mello
(Pareia - Comunicação e Cultura)

Design
Nara Oliveira (Estúdio Gunga)

Fotografia
Nara Oliveira e Thamires Cursino

Registro audiovisual
Angel Luís e Fabíola Resende

Patrocínio
Fundo de Apoio à Cultura (FAC-DF)

Expediente da Revista Fuzuê

Coordenação editorial
Keyane Dias, Lília Diniz e Thiago Francisco

Edição
Keyane Dias

Redação
Keyane Dias e Lília Diniz

Colaboração
Marcelo Manzatti

Projeto gráfico e diagramação
Nara Oliveira

Fotografia
Nara Oliveira e Thamires Cursino

Agradecimentos
Guilherme Soares, Sarau Voz e Alma, Marcelo Manzatti e Chico Simões.

Tiragem: 500
Gráfica Brasiliense CNPJ 12.271.051-0001/37
graficabrasiliense@gmail.com
(61)3386.4710 | 3877.4710

Esta revista foi elaborada utilizando Software Livre

Distribuição gratuita, Samambaia (DF), 2015

Creative Commons
É permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo da revista, desde que citada a fonte e xs autorxs.

Contatos:
www.mamulengofuzue.com.br
mamulengofuzue@gmail.com
[f/mamulengofuzueoficial](https://www.facebook.com/mamulengofuzueoficial)
[61] 8141.5898





SESSÕES

Fazeres

Festival Mamulengo de RAPente [8]

Teia

Mamulengo - Patrimônio Reconhecido [14]

Brincantes

A calunqueira Dona Dadi [16]

Casuá

Ocupação Cultural Mercado Sul Vive [18]

Sarau-VA [22]

Diversos

Cordel de Sabiázera das Matuskela [26]

Cultivarte

Plantando Arte e Fulô [27]

Meninices

Território do Brincar [28]

CD Nhemongatá [29]

Uma cidade chamada infância [29]

MAMULENGO DE RAPENTE

Um baião de três para unir
gerações e linguagens

Improviso: Mamulengo Fuzuê e os
repentistas Chico de Assis e João Santana

A construção histórica do Brasil culminou em uma sociedade essencialmente diversa em seus aspectos culturais. A mistura entre indígenas, africanos, europeus e ciganos, dentre outros povos que aqui chegaram, refletiu na aclamada diversidade cultural brasileira, tão cheia de encantos quanto de problemáticas sociais enfrentadas em cinco séculos de Brasil. Nessa travessia, a alma criativa e guerreira do povo que aqui habita jamais se apagou. É na reinvenção da sociedade, seja no meio urbano ou rural, que as manifestações artísticas populares surgem para gritar verdades, educar, subverter e celebrar.

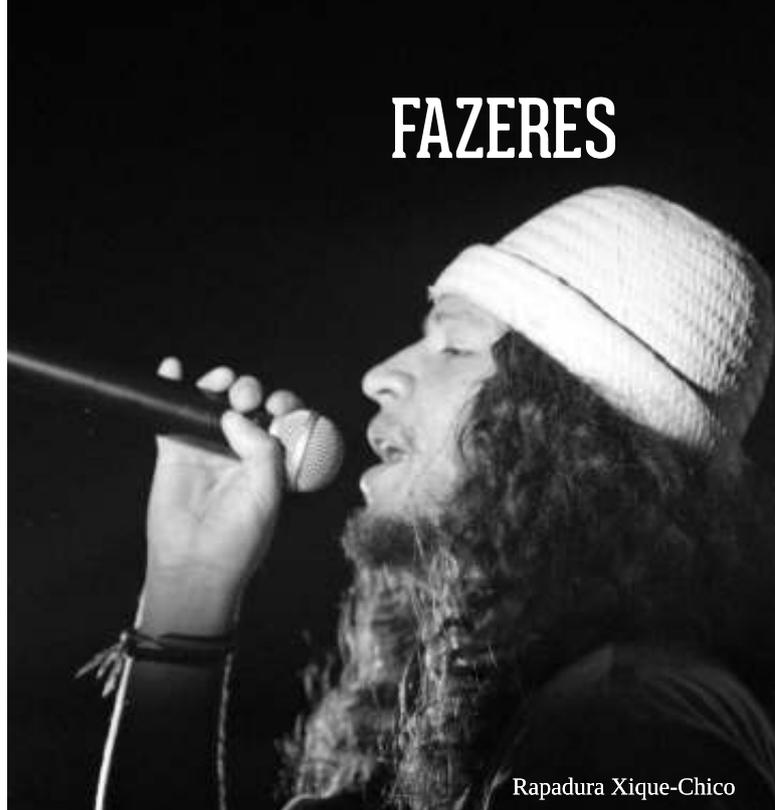
Seguindo por esse caminho da arte que reinventa o cotidiano, o grupo Mamulengo Fuzuê percebeu, em suas andanças, a estreita ligação entre a brincadeira do Mamulengo e outras duas manifestações populares presentes no Brasil e no Distrito Federal: o Rap e o Repente.



Lídia Dállet, em apresentação do grupo As Crioulas



Mestre Zé do Pife



Rapadura Xique-Chico



Terreirada Divina

FAZERES

A “descoberta” dessa harmoniosa junção deu luz ao projeto Mamulengo de RAPente. A primeira edição nasceu em 2011, unindo Fuzuê, repentistas da Casa do Cantador e Rapadura Xique-Chico, MC conhecido por misturar rap com ritmos nordestinos. “Esse é um projeto pioneiro, a gente propôs essa união na busca de algo novo, porque o hip-hop pra mim também é cultura popular, porque é do povo”, frisa Rapadura. Foram 12 apresentações de oficinas-espetáculo em escolas públicas do Distrito Federal. Uma mistura apetitosa.

Três anos depois, em 2014, o projeto Mamulengo de Rapente sai do eixo escolar para ocupar espaços culturais do DF. Essa abertura buscou agregar novos artistas e uma maior diversidade de público. Os encontros aconteceram no Mercado Sul de Taguatinga, o conhecido Beco da Cultura; na Casa do Cantador, o palácio da poesia nordestina no DF; e na Funarte Brasília. Além das apresentações, o público teve a oportunidade de aprender, na prática, um pouquinho desses saberes e fazeres em oficinas de xilogravura, construção de bonecos e personagens do Mamulengo, composição de Rap, discotecagem, Cordel, Grafite e poesia matuta.

Identidade

O Festival também foi entre gerações, criando espaços de convivência e festividade. Em cada encontro, no palco ou fora dele, rappers com trabalhos consolidados dialogavam com novas crews ligadas ao movimento Hip Hop, com duplas de repentistas, grupos de forró, palhaços e brincantes do Mamulengo. Viam-se jovens ligados ao Rap com olhares atentos à brincadeira dos bonecos e à agilidade do improviso repentista. Viam-se repentistas comemorarem a cada rima profética dos MCs. É o reconhecimento da identidade brasileira estrelando os encontros.

“O mamulengo e o rap tem em sua origem matrizes afrobrasileiras. A base do Mamulengo é o ritmo, o improviso, que a gente encontra também no Rap e no Repente, assim como a representação do cotidiano e a forte crítica aos problemas sociais.”

Thiago Francisco, brincante do Mamulengo Fuzuê



Boneco de mamulengo esculpido pelo artista Bruno Matos



Estudantes do CEF 8 - Guará, na Casa do Cantador



Oficina de Xilogravura



Oficina de Grafite



Cortejo da Cia. Pilombetagem



Oficina de Mamulengo, com o brincante Thiago Francisco



FAZERES

Máisa Arantes,
rabequeira do grupo
Zê do Pife e as Juvelinas



Markão Aborígine

Um momento claro desse saboroso baião de três foram os shows Encontros, onde, no mesmo palco e momento, rappers e repentistas contracenaram com Benedito e as demais figuras do Mamulengo. Um enredo diferente nascia em cada show, a partir da improvisação. Japão, rapper que participou do Encontros, em Taguatinga, fala sobre a experiência:

“Jamais imaginaria que artes tão distintas poderiam ser parentes tão próximas. Pretendo estudar mais sobre o Repente e o Mamulengo, artes essas que são marco de nossa cultura nordestina. Dividir o palco com esses artistas foi uma surpresa misturada à realização de um sonho que nunca pensei em sonhar. Algo ímpar.”



Grupo Erotori, de Pirenópolis



Lília Diniz, no espetáculo Sertanejares

Mamulengo Fuzuê e o rapper Japão, no Show Encontros



Diálogos e Sustentabilidade

Indo além da musicalidade, o projeto Mamulengo de RAPente realizou três momentos onde artistas, produtores e agentes culturais dialogaram sobre "Identidade, Novos Rumos, Parcerias e Sustentabilidade na Cultura Popular e no Movimento Hip Hop". As rodas de prosa evidenciaram que os pontos em comum entre Rap, Repente e Mamulengo passam também pela resistência à cultura de massa e ao modelo capitalista. A fala do rapper e educador Markão Aborígene, do coletivo ArtSam, resume:

“A palavra sustentabilidade é muito falada e sequer entendida. Por meio da economia solidária, comércio justo e caixa solidário, a gente vem dando sustentabilidade a pequenos projetos, com ações políticas, mas não partidárias. Precisamos entender um pouco mais de economia, porque o que a gente não compreende nos domina”.



Roda de prosa, na Casa do Cantador



Repentistas Donzílio Luiz e Messias Oliveira



MC Magú, do Diga How

Patrimônio Reconhecido

Por Keyane Dias | Colaboração Marcelo Manzatti e Lília Diniz

Em 2015, onze anos após a abertura do processo de inventário, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) registrou o Teatro de Bonecos Popular do Nordeste como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil. Relatórios, fotos, prosas, memórias revolvidas e muita história está reunida no dossiê final, que traz a participação de diversos colaboradores. A decisão foi anunciada no dia 5 de março de 2015, aprovada por unanimidade pelos 22 membros do Conselho Consultivo do Iphan.

Segundo relatos do Instituto, o registro do Mamulengo justifica-se pela originalidade dessa tradição como expressão cênica, que revela, de geração em geração, facetas da cultura e das dinâmicas de formação da sociedade brasileira. Seus personagens, enredo, música e linguagem verbal apresentam o contexto do período de colonização do Brasil, reiventado através dos mestres, mestras e grupos sociais em que se origina. Um fazer cênico que fortalece o sentido de pertencimento e de coletividade.

Pela relevância de grupos e de atuação, que acompanharam a jovem formação da capital Brasília, o Distrito Federal é a única localidade fora do Nordeste presente na área de abrangência do registro. Incluído no Livro de Formas de Expressão, o Teatro de Bonecos Popular do Nordeste - Mamulengo, Babau, João Redondo, Calunga e Casimiro Coco - passa a ter proteção institucional, o que garante maiores possibilidades de salvaguarda deste bem cultural, assim como de seus mestres. Que assim seja!

Mestre Francisquinho | Passa e Fica (RN)



Rede de Teatro Popular de Bonecos

O registro no Livro de Formas e Expressões inicia um processo permanente de salvaguarda, desafio que agora também está nas mãos do governo federal, mas que continua sendo, sobretudo, de brincantes, bonequeirxs, tocadorxs, folgazões, produtorxs e simpatizantes. Para estreitar os laços entre esses agentes, antes mesmo do registro foi fundada a Rede de Teatro Popular de Bonecos, oficializada durante o último encontro do Festival Mamulengo de RAPente, na Funarte Brasília, em 14 de dezembro de 2014.

Chico Simões, do Mamulengo Presepada, afirma que a própria criação da Rede já atende a uma reivindicação indicada no relatório do Iphan, além de ser uma vontade real dos brincantes de mamulengo. Segundo a carta-geral da Rede, as articulações seguem unindo bonequeiros pelo Brasil: "Somamos. Já somos uma centena. Começamos com o pessoal de Brasília e com os que se prontificaram a participar nas rodas de prosa que fizemos durante a circulação do Sesi Bonecos do Mundo (São Luís/MA e Teresina/PI), incluindo nossos amigos de Moçambique, e durante a Mostra Bonecos do Rio Grande do Sul (Porto Alegre/RS). Incorporamos também as dezenas de brincantes e mestres que visitamos entre janeiro e fevereiro de 2015, na Caravana 30 Anos do Mamulengo Presepada pelo Nordeste".

Tio João da Quadrilha | Natal (RN)



Mamulengo Fuzuê



Boi de Mestre Francisquinho (RN)

A Calungueira Dona Dadi

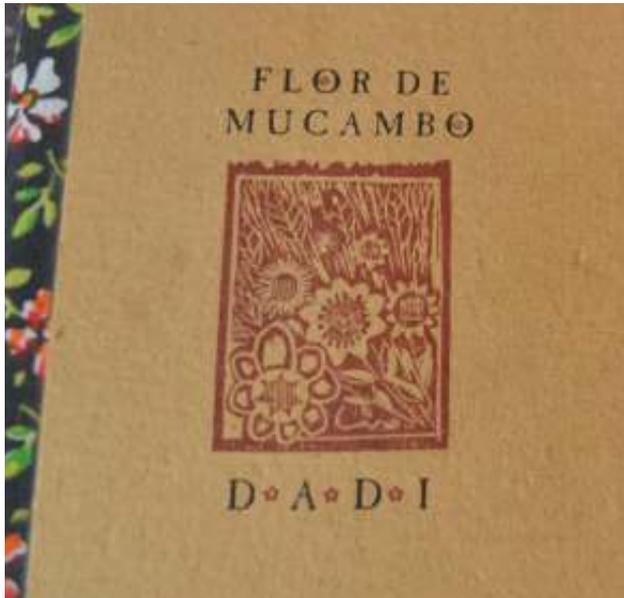
Por Lília Diniz

A pequena Carnaúba dos Dantas [RN] abriga um tesouro vivo do Teatro Popular de Bonecos, a calungueira Maria Ieda de Medeiros, uma das poucas mulheres dessa tradição.

Conhecida como Dona Dadi, a mestra tem 76 anos, mora na cidade de Carnaúbas e, desde os 16 anos, se dedica à confecção e manipulação de seus bonecos, dando voz, movimento e vida ao brinquedo que se destaca pelas formas, cores e personagens, atraindo pesquisadores e admiradores da arte do reino de São Saruê.



BRINCANTES



Em "Flor de Mucambo", livro de poesias, Dona Dadi, que além de artesã e calungueira é também poeta, partilha com o leitor os sabores e dissabores da vida e nos ensina que poesia também deve ser ensinada nas escolas.

**"A gente bota alegria
no povo,
faz o povo rir!"**



"Calungueiro é aquele que faz e brinca com o boneco que faz. Eu faço e brinco com os bonecos. Se você me comprar um boneco e vai brincar você não é calungueiro, você é apresentador de calunga. Agora eu posso dizer que sou calungueira. Eu faço, pinto e represento com os calungas."

Dona Dadi

- Ô, Zeca, vamos brincar João Redondo?
Aí, Mamãe saltou-se e disse:
- O que, cabrita? Aquilo é serviço de homem. Pra onde vai você brincando João Redondo? Um trabalho de homem.

Quando ela saiu de casa, eu, com oito anos, peguei um sabugo de milho, botei uns olhim, uns cabelim, uma boquinha, uns olhos, fiz um boneco e fomos brincar.

MEMÓRIA PRESENTE

A photograph of two young girls with long dark hair, smiling and reaching up towards a shower of colorful confetti. They are wearing colorful dresses, one green and one red with yellow flowers. The background is a warm, orange-brown color.

Legitimada pela história do lugar, Ocupação Cultural Mercado Sul Vive segue na luta por um território livre para a arte, educação e moradia digna

Por Keyane Dias

Nesse quadradinho de brasilidades, chamado Distrito Federal, há muitas linhas tortas de histórias escondidas pelo traçado reto do Plano Piloto. Histórias que andam junto com a construção de Brasília, mas que foram abafadas na busca pela terra prometida, a cidade planejada de Juscelino e sua turma. Uma dessas linhas é escrita no Mercado Sul, localizado na cidade satélite de Taguatinga. Desde o dia 7 de fevereiro de 2015, a comunidade do local, tradicionalmente chamado de Beco, iniciou a Ocupação Cultural Mercado Sul – Beco de Portas Abertas. Uma ação coletiva e autogestionada em prol do Direito à Cidade e contra a especulação imobiliária.

A consolidação oficial da ocupação deu vida ao Movimento Mercado Sul Vive, formado por moradores, artistas, agentes culturais, trabalhadores, coletivos parceiros e a criançada. Esse gente toda reivindica a concessão, para moradia digna e uso cultural coletivo de lojas abandonadas, ruínas ociosas que, há mais de 10 anos, limitam a segurança e a saúde da comunidade que ali habita, trabalha e convive. Tal fato descumpre a função social de um imóvel, prevista no Estatuto das Cidades.

A legitimidade do movimento ganha ainda mais força pelo histórico de processos econômicos solidários e artísticos desenvolvidos ali, desde o fim dos anos 80, o que dá ao Mercado Sul status de patrimônio imaterial de Taguatinga e do Distrito Federal.

“A ocupação surgiu do desejo de transbordar os limites que a cidade nos impõe, buscar nossos direitos a verdadeiramente ocupá-la com dignidade de moradia, trabalho, saúde e criação artística”

completa a designer Nara Oliveira. Ela, junto a outros integrantes do Movimento, é parte de uma terceira geração que convive no Mercado Sul, fazendo dele um território de arte e de ofícios. Por lá tem ateliês de artesanato e costura, coletivos de educação popular, educação em saúde, comunicação livre e cultura digital, ponto de cultura, grupos de teatro e consumo consciente, Capoeira Angola, Mamulengo, camiseteria. Uma lista que ultrapassa delimitações geográficas.

Histórico de uma antiga ocupação

Ao andar pela Avenida Samdu Sul de Taguatinga, é fácil estranhar a arquitetura diferenciada de três conjuntos de lojas entre a QSB 12 e a QSB 13, formando dois estreitos becos. Resistindo ali, em meio aos grandes prédios e às áreas destinadas a igrejas, o Mercado Sul foi construído e inaugurado antes mesmo de Brasília, no fim dos anos 50, sendo um dos primeiros centros comerciais do DF. Boa parte da arquitetura original, mesmo degradada, é mantida ainda hoje. Suas lojas serviam para abastecer os trabalhadores que foram povoando a beirada oeste da capital. Chegadas as redes de supermercados, o caráter comercial do Mercado Sul decaiu.

Nas décadas de 70 e 80, com poucos comerciantes ativos, o Mercado Sul foi então povoado pela boêmia, virou um reduto underground com bares e prostíbulos, um puxadinho das festas realizadas no extinto Clube dos 200, localizado um quarteirão acima, por onde passou a Sarro Disco Show e as principais bandas de baile de Brasília. Nessa época, o chamado Beco da Cultura já começara a atrair poetas, músicos e moradores. O fotógrafo Ivaldo Cavalcante, que teve ali sua primeira serigrafia e laboratório fotográfico, immortalizou o Mercado Sul em uma célebre frase contida no livro *Taguatinga – Duas Décadas de Cultura*:

“O Mercado Sul foi minha usina de sonhos!”

E essa usina continua. Sonhadores não pararam de chegar para habitar, trabalhar e dar mais vida aquela vila cultural. Mestre Dico, luthier de violas, foi um dos primeiros a firmar raiz. Sua oficina está lá até hoje, uma tradição familiar de gerações. Depois dele, a formação do Ponto de Cultura Invenção Brasileira, a Oficina Tempo EcoArte, o Cineclub Motirô, o Espaço Cultural Mercado Sul, a EcoFeira e tantos outros coletivos consolidaram e continuam a semear os fazeres e os fazedores culturais no Mercado Sul. Hoje, ele é uma escola, uma universidade livre que transforma, reiventa e ressignifica a vida no espaço urbano.



Oficina de Zine com as crianças



Roda do Grupo de Capoeira Semente do Jogo de Angola



Intervenções urbanas e humanas no Bicicentro



Mestre Afonso Miguel e Chico Simões, no Mercado Sul (2006)

Uma luta contínua

A Ocupação Cultural Mercado Sul Vive iniciou em parceria com o Movimento Passe Livre (MPL-DF) e Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST), em conjunto a outras seis ocupações no DF. Durante as negociações, as esferas políticas perceberam que a situação ali ultrapassava a reivindicação por moradia. Seu caráter cultural falava mais alto. Formou-se, então, um grupo de trabalho para estudar o contexto e a relevância cultural do Mercado Sul, com Ministério da Cultura, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), Subsecretaria de Movimentos Sociais e Participação Social e Secretária de Cultura do DF. A primeira batalha judicial foi vencida no dia 13 de fevereiro, com a derrubada da liminar que pedia a reintegração de posse ao proprietário das lojas ocupadas e, antes, abandonadas.

No processo que corre, o coletivo conta com a assessoria dos jovens advogados da AJUP - Assessoria Jurídica Universitária Popular, projeto de extensão da Universidade de Brasília. Há também o apoio de vários coletivos parceiros atuantes por todo o DF e em outros estados, como o Veracidade, de São Paulo. Em pouco tempo, o movimento mobilizou uma infinidade de gente disposta a produzir, com o Beco continuamente ocupado com atividades artísticas e de formação, o que mostra a grande demanda que existe por espaços de cultura nas cidades satélite. No cotidiano, a luta não para. Legalmente, o processo segue correndo na Justiça, esperando a passos lentos que o Direito à Cidade e à Cultura seja legitimado.

RDoze grafitando durante apresentação do grupo Seu Estrelo e o Fuá do Terreiro



“Em nossa trajetória, tecida por muitas mãos e em processo de construção contínua, aprendemos que a cidade deve estar de acordo com a força coletiva que a construiu e segue construindo, que deve servir ao bem comum, ser inclusiva e participativa. A isso concordamos em chamar de Direito à Cidade e assim o reivindicamos como tantos outros grupos e tantas outras comunidades organizadas mundo afora. Com esse movimento, pretendemos dignificar a morada e o trabalho d@s que aqui residem, fortalecer as ações que já são realizadas, expandi-las e enraizá-las, assim como servir de meio e apoio para novas ações e iniciativas, criando um centro de difusão e criação cultural em Taguatinga.”

Aula de dança com Thais Sampaio





Artistas da TempoEcoArte, Caroline e André, no mutirão de pintura



Renato Zerbinato nas oficinas do BiciCentro

ENTENDA E ACOMPANHE O MOVIMENTO

www.mercadosul.org

www.facebook.com/EspacoCulturalMercadoSul

No Recife (PE), artistas, ativistas e moradores também se mobilizaram pelo Direito à Cidade, num movimento conhecido como Ocupe Estelita. O grupo reivindica o tombamento e um plano de ocupação inclusivo do histórico Cais José Estelita, área com 10 hectares que seria destinada a um empreendimento imobiliário milionário de grandes construtoras, chamado Projeto Novo Recife. Essa nova empreitada capitalista, contudo, esbarrou na massiva participação da população recifense. Um movimento referência para as demais ocupações que seguem e surgem pelo Brasil. Saiba mais: www.ocupestelita.com.br.



Vozes que emanam a alma da rua

Terra de nordestinos, cordel e repente, Ceilândia consagra mais uma morada da poesia, o Sarau-VA



O palco é a rua, as calçadas. A arte é a palavra costurada em versos. No público, artistas; no microfone, o público. É a partir da pedagogia das ruas que as periferias do Brasil originam seus poetas, mentes pensantes que encontram na literatura e poesia marginal a liberdade para criar. E é nos saraus independentes que esses artistas, muitos anônimos, manifestam pela primeira vez suas criações, impulsionando o fazer cultural nas periferias.

Terça-feira, o sol se põe e a Ceilândia (DF) recebe mais uma edição do Sarau-VA (Voz e Alma), antes chamado Sarau da CM. A semelhança de eventos autônomos que emergem dessa fértil geração urbana, como o Cooperifa (SP), a iniciativa rapidamente atraiu uma infinidade de gente vinda de toda parte do DF. Rebatizado, seu novo nome faz jus a intenção primordial: ser um território livre para a expressão da voz e da alma de poetas periféricos.

Tudo começou em 10 de setembro de 2013, na Praça da Bíblia do P Norte, quando a crew de grafite Caligrafia Mardita ligou um radinho e iniciou uma noite de poesias e prosas. Nascia ali o embrião do Sarau-VA. Gerenciado e impulsionado pelo Projeto MoverMents, aquele despretensioso encontro entre poetas do rap e grafiteiros locais foi conectando outras redes, construindo uma consolidada agregação cultural, como conta o MC Rafinha Bravoz:

“Hoje, poucas das pessoas que se apresentam são MCs. A grande parte da galera é anônima, pessoas que sempre têm um verso guardado e que aqui encontram espaço para serem ouvidas. No público também, a gente já percebeu uma grande quantidade de pessoas de outras cidades e movimentos. Temos conseguido dialogar bem e ter o respeito da vizinhança”.

Depois da praça e de uma loja alugada em 2015, o Sarau-VA é hoje realizado no Espaço Cultural Leão de Judá, na QNP 09/13. O local é compartilhado com parceiros que sempre frequentaram o Sarau e que abriram as portas para abrigar as noites de poesia. Violão livre, prosa de MCs e desafios de rimas com temas escolhidos pelo público. Em todo evento, a Biblioteca Comunitária também vai junto, sempre itinerante, livre e sendo ponto de arrecadação de livros, zines e publicações independentes.

Se a grande quantidade de nordestinos caracterizou a Ceilândia como terra de cordelistas e repentistas, a nova geração tem cultivado bem tal herança. Esses jovens, muitos filhos e filhas dos retirantes nordestinos que ocuparam e deram vida à cidade, continuam o legado poético de seus antecessores, acrescentando nos versos atuais a estética urbana do rap, o “faça você mesmo”, o manifesto das ruas...



Poesia também se faz no samba

O Projeto Cultural MoverMents foi criado em 2009. Formando essencialmente por jovens, o grupo trabalha com ações sociais voltadas à juventude e é responsável por outro evento cultural que vai rompendo qualquer ociosidade na Ceilândia, o Samba na Comunidade. Em cada samba, articulado todo 3º sábado do mês na Praça da Bíblia, uma intervenção do Sarau-VA marca presença, e vice-versa. Ações integradas que estreitam cada vez mais o diálogo entre o coletivo e a comunidade.



Maria Perifa

A questão de gênero dentro do Hip-Hop e nas periferias também aflorou e as vozes femininas do Sarau-VA deram origem ao Coletivo Maria Perifa. A crew feminista caminha autogestionada, realizando seus próprios eventos com o propósito de contribuir para a consolidação de uma identidade feminina atuante e unida. Em uma trajetória independente ao Sarau, novas mulheres se integram ao coletivo, tendo a partilha como elo que dá força à causa..



**“Somos filhas, esposas, mães, irmãs, primas, comadres, vizinhas.
Somos Maioria. Somos minoria. Pobres, pretas, brancas, periféricas.”**



SARAU-VA

Toda terça-feira, das 20h às 22h
QNP 09/13 P Norte, Ceilândia (em frente à Feira dos Importados)

Batalha de Poesia

Toda última terça-feira do mês, com poetas escolhidos pelo público.

ACOMPANHE NA REDE

f/SarauVozeAlma

f/coletivomariaperifa

f/sambanacomunidade





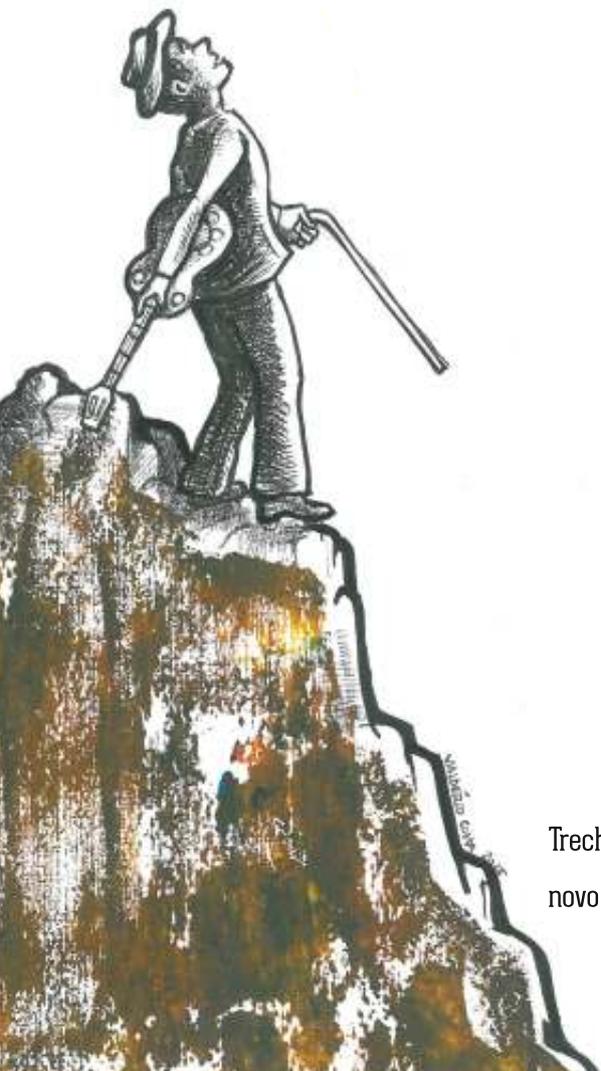
O meu cordel estradeiro
De tal modo aventureiro
Conta a história de um cego
E o seu caso milagroso
Desde o dia que avistou
Um pavão misterioso.

Suas viagens e façanhas
Rumo a São Saruê
Onde a vista não alcança
Mas o pensamento vê
Se acaso fecha os olhos
E no pensamento crê.

Dizem que em São Saruê
Impera a formosura
Pois seus rios são de leite
As pedras de rapadura
A chuva é de menino
Frutas têm-se a fartura.

Nas Barrancas do Cuscuz
De Milho, meu amigo tenha fé
Não bastasse essa beleza
Lá nascem os rios de café
Poças de café coado
Já com leite misturado
Você nada e não dá pé.
[...]

Trecho de **Viagens de um Cego Cantador nas Asas de um Pavão Misterioso**,
novo cordel do poeta Sabiázêra das Matuskela, com ilustrações de Valdério Costa.



Plantando Arte e Fulô

Por Keyane Dias

O saudoso Babi Guedes já dizia: “Sou bicho da mata fechada, fujo do mato rasteiro, pra viver inteiro e sereno eu preciso do arvoredor”. O canto de Babi ecoa nos corações de quem sabe que a natureza e a biodiversidade, mesmo no meio urbano, são essenciais ao nosso bem viver. Para muitos e muitas, o brincar começou assim, no subir na árvore, no pé na terra, no comer azedinho, jabuticada, manga madura do vizinho. Pensando nisso, a Associação Fuzuê realizou, em julho de 2015, uma série de ações socioambientais e de arte-educação na Quadra 614 de Samambaia Norte, dando continuidade à Horta Comunitária, criada com a comunidade em dezembro de 2014.

Os mutirões de cuidados uniram moradores, artistas, estudantes da Escola Classe 614 e outros parceiros para reavivar a área verde que fica entre a Escola, a Associação e a Horta Comunitária. O local, que durante alguns meses serviu de depósito irregular de entulho, está livre de lixo e com várias mudas de árvores plantadas por estudantes e moradores. Para mobilizar a comunidade, o mutirão integrou apresentações do Mamulengo Fuzuê na Escola Classe 614, cortejos pela quadra e feituças de grafite para sinalizar a revitalização do local. A celebração de encerramento foi em frente à Associação Fuzuê, no dia 31 de julho, com a presença de diversos artistas da cidade no 72º Sarau Complexo.

Associação Fuzuê
realiza mutirões
ambientais para manter
Horta Comunitária e
área verde preservada
em Samambaia

Manejo constante

A Horta Comunitária da Quadra 614 segue em funcionamento, já produzindo hortaliças e ervas medicinais. O manejo é feito pelos próprios moradores, que são também os beneficiários diretos do que é produzido. Além da horta, as mudas de árvores frutíferas seguem necessitando de cuidados. Todo o apoio é bem-vindo, seja com doação de mudas e adubos ou manejo das plantas e estruturas da horta. Interessados em colaborar podem entrar em contato com a Associação Fuzuê, pelos números: (61) 8141.5898 ou (61) 3022.6189.





Território do Brincar

Elástico, pula-corda, carrinho de lata, pião, casinha, peteca, bete, pipa, bolinho de terra, adoletas... Mais que palavras, essas brincadeiras carregam em si um mundo de significados, do afeto à educação, do social ao cultural. É fundamentado na cultura da criança que o projeto Território do Brincar registra o Brasil através do olhar e do fazer de nossas meninas e meninos. Entre abril de 2012 e dezembro de 2013, os pesquisadores Renata Meirelles, David Reeks e seus filhos caminharam por comunidades rurais, indígenas, quilombolas, metrópoles, sertão e litoral para realizar esse intercâmbio de saberes. Encontros para reafirmar que nossas crianças têm na brincadeira seu universo próprio e autônomo de aprender, “ler o mundo” e se expressar. O projeto resultou em um documentário homônimo, lançado em maio de 2015.

Saiba mais: www.territoriodobrincar.com.br



Desenhos criados por crianças da Chapada Gaúcha, no sertão mineiro, em 2011, durante o projeto Viva! Vida ao Artesanato. Da esquerda para a direita, desenhos de: Yasmim Costa de Oliveira, Pâmela Lopes da Silva e Mychael Lopes Novaes

Uma cidade chamada infância



O livro convida, de maneira lúdica e mágica, as crianças a pensarem sua interação com o espaço urbano, suas dinâmicas, seus espaços e o direito a sonhá-los a partir de sua perspectiva. Produção independente e elaborada com software livre, de autoria de Diego Mendonça e ilustrações de Nara Oliveira, *Uma Cidade Chamada Infância* pretende pautar o direito à cidade no universo infantil e possibilitar que as crianças interajam com o próprio livrinho ativamente, já que o material permite que elas possam colorir e desenhar sua própria cidade. O autor faz questão de enfatizar: "A cidade pertence às crianças e precisamos sonhá-la e construí-la juntos". A distribuição também é independente e o livro pode ser encontrado em alguns pontos do Distrito Federal e em Goiânia.

Contatos: diego.caipira@gmail.com e nara@gunga.com.br

CD Nhemonguatá [Manuí]

Em tupi-guarani, o ato de contar e “tirar as histórias que vêm de dentro” chama-se nhemonguatá, uma prática ancestral nas tradições indígenas. A partir de pesquisas e da parceria com o escritor tapuia Kaka Werá, o grupo Manuí foi em busca dessas histórias encantadas. O trabalho culminou na criação do CD *Nhemonguatá*, com contos do livro *As fabulosas fábulas de Iauaretê* (Kaka Werá) aliadas a cantigas indígenas e arranjos da cultura popular. No álbum, “a saga da onça que virou guerreiro, da índia que virou cervo, de um menino que virou peixe e outro que virou pajé”. Histórias que falam de medo, coragem, dúvida, amor, morte, paz, oportunidade, erros e acertos. O enredo permeia também a fauna e a flora de nossas florestas.

www.manui.art.br





EM CANTO DOS MAMULENGOS

Na RUA e Na RODA

O espetáculo *Divina Peleja* conta a história do vaqueiro Benedito e da quebradeira de coco Margarida. Acompanhados dos sete filhos, o casal participa dos folguedos do humba-meu-boi, reisado e celebram a Festa do Divino. Ao chegarem na cidade grande, se deparam com as dificuldades para sobreviver e ainda sofrem com a perseguição do Coronel João Redondo. A exemplo de outros personagens da cultura popular, Benedito e Margarida encontram uma forma de superar as adversidades em busca de liberdade, trabalho e alegria, mantendo viva a tradição dos festejos populares.



Entre em contato
e agende uma
apresentação:
(61) 3352.5054

www.mamulengofuzue.com.br

Apresentação



Secretaria de
Cultura



GOVERNO DE
BRASÍLIA

Apoio



casa
das artes



FAMALIA

Produção



Realização





realização



parceria



comunicação



apoio



patrocínio



Secretaria de Cultura

